



Redacção e Administração:

Rua D. Diogo Pinheiro, 25
Telefone 82431 BARCELOS

Fundado em 1911 por Rogério Calás de Carvalho

SEMANÁRIO REGIONALISTA
POR PORTUGAL — POR BARCELOS

ASSINATURAS:
 Ano, 35\$00; Semestre, 20\$00; Trimestre, 10\$00—Metrópole
 Ano, 60\$00 e 175\$00 por avião — Estrangeiro excepto Brasil
 Ano, 40\$00 e 110\$00 — Ultramar e Ilhas
 Ano, 20\$00 e 160\$00 — Brasil
 Publicidade: Os Srs. Assinantes gozam do desconto de 10%.

Director e Editor interino: Rogério Domingos da Costa Carvalho
Propriedade de Herdeiros de Rogério Calás de CarvalhoComposição e Impressão: Companhia Editora do
Minho — Rua D. António Barroso — BARCELOS

SÁBADO, 18 DE JULHO DE 1964

VISADO PELA CENSURA

CARTAS A UM LAVRADOR

XV

Meu Caro Amigo:

Na última carta, recapitulando as minhas anteriores opiniões, escrevi que tem que haver Lavradores. Homens que cultivem a terra, sabendo como cultivá-la, com a técnica mais perfeita, cientificamente organizada, e não pobres e obscuros lavradores de enxada, que exercem uma actividade rotineira, atrozada mais de cinquenta a cem anos. Lavradores que tornem a sua Quinta uma Empresa moderna. Empresa agrícola, evidentemente.

Anteriormente, também, evidenci a falta de preparação, de formação científica, agrícola ou agromónica, da grande maioria do nosso Lavrador.

O nosso Lavrador fez a sua educação para Lavrador, por imitação da actividade paterna, acrescida de algumas leituras, mais ao acaso do que por método.

Assim, esta profissão, tão importante e tão honrosa — decaiu.

Falta-lhe escolaridade, sempre útil. Falta-lhe método, base de todo o trabalho verdadeiramente produtivo.

Falta-lhe capacidade de reflexão sobre muitos aspectos modernos, cujo alcance não pode abranger.

Mais, ainda: há, de longos anos, uma tendência para encaminhar no rumo das profissões liberais, do

(Continua na página 8)

Engenheiro Manuel de Sá Carneiro

Teve a gentileza de visitar a Redacção de «O BARCELENSE» o nosso ilustre Amigo, Sr. Engenheiro Manuel de Sá Carneiro, amabilidade que agradecemos sensibilizados, ao mesmo que aproveitamos o ensejo para cumprimentar, mais uma vez, este nosso prestigioso conterrâneo.

Dr. Manuel Joaquim Falcão

Depois de doze anos radicado no Brasil, encontra-se entre nós o Sr. Dr. Manuel Joaquim Falcão, ilustre Vice-Cônsul de Portugal em Nova Friburgo, Estado do Rio, Brasil.

Este nosso estimado Amigo que

Visita Presidencial a Moçambique

O Ultramar Português novamente se orgulha de se ver visitado pelo

VENERANDO CHEFE DE ESTADO

Os portugueses do Ultramar estão a viver momentos de indescritível júbilo com a viagem do venerando Chefe de Estado a Moçambique, que ao mesmo tempo se tornou numa jornada de inequívoco testemunho da força que move a laboriosa gente ultramarina na defesa de seus princípios, base da indestrutível ligação que existe entre a Mãe Pátria e as Províncias.

Este caminhar longo, por mares tão nossos conhecidos, quer situar-se no livro de ouro deste milénio Portugal, com a mais sublime batalha que se travará, não em campo de luta fraticida, mas num mar largo, sem fundo, incomensurável, como o coração dos portugueses de além-mar, que sentem, mais que ninguém, o valor e o calor dum tão nobre e leal visita. Terá, realmente, o valor de uma batalha ganha, esta jornada do Senhor Almirante Américo Thomaz a terras Africanas, porque é exactamente na África onde nós precisamos de ganhar destas pelejas, para mostrar aos inimigos, como aos amigos interesseiros, que os portugueses unidos sob um ideal de soberania que não admite dúvidas, não só mantêm uma frente rija formada pelo glorioso exército português, como também na rectaqueria existe a tempera forte dum Castro, capaz de, novamente, fazer reviver o feito heróico de uma das nossas maiores glórias que foi a batalha de Aljubarrota.

teve a amabilidade de nos apresentar cumprimentos nesta Redacção, era acompanhado pelo Sr. Horácio Soares Fernandes que também veio passar merecidas férias na freguesia de Encourados, donde é natural. Gratos ficamos pela gentileza da visita.



O Venerando Chefe de Estado Almirante Américo Thomaz

Milhares de quilómetros serão percorridos pelo «Príncipe Perfeito», o barco presidencial. De Lisboa a Moçambique, muita terra portuguesa será avistada. A Madeira vibrou em uníssono; Cabo Verde, Guiné e S. Tomé e Príncipe, sentirão de perto o calor da presença de tão ilustre Representante; Angola terá mais uma vez, a oportunidade de mostrar quão grata está ao Venerando Chefe de Estado; e Moçambique, esta então tornará histórica esta viagem, porque o bater ritmado

do coração dos portugueses desta província, que viveu a Índia como nenhuma outra, pois foi vase para o alcance dessa Goa que não deixará de ser Portugal, será tão forte que ecoará no indostão, para dizer aos lusitanos que lá se encontram que a Bandeira das Quinas está firme, para que a Voz da resistência seja maior, igual àquela da Restauração.

Foi nos começos de Agosto de 1641 que Moçambique aclamou delirantemente o fim do jugo dos Filipes. As manifestações que se seguiram foram sinal de pujança.

E também nas proximidades de Agosto que o ilustre Chefe de Estado pisará solo de Moçambique. O tempo voou, e contudo é esse tempo que se torna actual, porque «amanhã» os portugueses mostrarão «pujança», para que a recepção ao Senhor Presidente da República atinja foros de verdadeira e autêntica apoteose, semelhante à de 1641, pois os anos passaram mas as lutas ideológicas quase são as mesmas. Se então estávamos sob o jugo dos Filipes, hoje temos uma parte do mundo a lutar para nos roubar — que já defendemos com o sangue generoso dos nossos jovens, verdadeiros heróis, credores das palmas de louros qua a posteridade lhes confere.

Boa viagem, Senhor Presidente, e que o mundo que nos ataca seja vencido pela veemência do coração da gente moçambicana.

ROGÉRIO CARVALHO

A LAVOURA EM FOCO

Pelo Dr. Manuel Alves do Vale Lima

VINHO

Lemos sempre com o maior interesse tudo quanto se escreva em defesa da Lavoura, e por isso não nos podia passar ignorado o artigo publicado no penúltimo número deste jornal, subordinado ao título, «Vinho Americano».

Efectivamente, de todos os lados se levantam clamores, os Organismos altamente representativos da Lavoura emitem a sua opinião sobre tal assunto, mas os anos passam e os que não cumpriram a Lei continuam a gozar dum situação privilegiada, uma vez que o vinho americano tem grande procura e fácil venda por bom preço, sendo assim, comercialmente, mais um inimigo — e tantos eles são — do vinho verde.

Certamente que o vinho americano, conforme nos foi prometido, vai deixar de ser comercializável e dada a produção abundantíssima desse vinho no ano corrente, mal vai para a nossa lavoura, se tal promessa não for rigorosamente cumprida já na próxima campanha.

Os encargos com o tratamento e fabrico do vinho verde aumentam de ano para ano e o preço do vinho — pago ao Lavrador — é sempre relativamente mais baixo.

Qual a razão de ser de tal situação?

Múltiplos são os factores que a ela conduzem e responder a esta pergunta implica uma repetição do que já foi dito.

O problema é complexo, bem o sabemos, mas torna-se necessário encarar-lo com o firme propósito de lhe encontrar uma solução que pelo menos e para já venha atenuar a grave situação com que se debate o produtor do vinho verde. Não podemos esquecer que este produto, além de ser uma bebida muito apreciada, é

(Continua na página 6)

O Desporto e a Nação

Não há quem desconheça hoje o importante papel que desempenha o Desporto na formação do homem e na aproximação dos Povos. Na Antiguidade o Desporto foi praticado em variadas modalidades e as manifestações desportivas eram o espectáculo favorito das gentes das metrópoles, que acorriam aos estádios, já então existentes.

Na Idade Média, as práticas desportivas sentiram nítida quebra.

Porém, na Idade Moderna, recobrou e ultrapassou mesmo a sua antiga vitalidade e poder de atracção.

No nosso País, o Desporto ressentiu-se bastante com a vida desorganizada dos primeiros trinta anos do século.

Na segunda trintena, no entanto, o panorama modificou-se de tal modo, foram tão espantosos os progressos realizados, que é inacreditável ver como um País de população tão diminuta, consegue impor a

(Continua na página 6)

UM LICEU, SIM!

— a propósito do artigo de Simplício de Sousa, sobre a criação de um Liceu em Barcelos.

Quanta mais luz melhor, que a luz do ensino
 Nunca é de mais, por mais que se reparta.
 Abram-se Escolas mesmo ao desatino,
 Que a Instrução é pão que nunca farta.

A Instrução! Dê-se de graça a todos,
 Que a ninguém tal direito seja oculto,
 Espalhe-se às mãos cheias, dê-se a rodos,
 Que é só inteiro o Homem quando é culto.

Faculte-se a ascensão aos graus do ensino,
 Abrindo a Escola própria onde é precisa,
 Que isso aconselha ao Dever o tino.

Abram-se Escolas, sim, que a Escola visa
 Iluminar ao Homem seu destino,
 Porque a Escola, enfim, o valoriza.

LX. — JULHO 1964

A. MARQUES AZEVEDO

Redacção e Administração de «O BARCELENSE»

Tem chegado até nós a informação de que pessoas estranhas a este Jornal têm passado e cobrado recibos, quando na verdade esse acto só pode ter a intervenção da Administradora deste Semanário que apõe a sua assinatura nos recibos rubricados pelo nosso Director.

Como este facto resulta, em parte, do desconhecimento, pelos nossos prezados Assinantes e Anunciantes, de que a única Redacção e Administração de «O BARCELENSE» funciona na R. D. Diogo Pinheiro, 25 (junto ao Círculo Católico), pedimos a todos o especial favor de não esquecerem o presente aviso.

Por uma Juventude melhor

Evocando a Fundação do Grupo de Escuteiros n.º 142 de Balugães

14 de Agosto de 1949. Em S. Martinho de Balugães, ridente freguesia do concelho de Barcelos, que se alcandora entre os Vales do Neiva e do Tamel, um punhado de jovens baluganenses, entusiastas da obra de Baden-Powel, almas generosas que sentiam pulsar no seu sangue o entusiasmo pelo movimento escutista, guiados pela mão amiga do Rev.º P.º Manuel de Matos, que então parokiava a freguesia, criaram o Grupo N.º 142 do C. N. E., sob a protecção e amparo da excelsa mãe do Céu, a Senhora Aparecida, sua padroeira desde a primeira hora.

O Santuário de Balugães, foi testemunha dos actos e solenidades de tão grandiosa festa escutista, cujos ecos se repercutiram por toda aquela região que o Neiva banha mansamente. Além do brilhantismo que atingiram foram uma demonstração eloquente da pujança com que foi lançado o Escutismo naquela formosa localidade.

Mais de uma centena de escuteiros lá estiveram presentes, para assim encorajarem os novos irmãos, a prosseguirem com a vontade no desenvolvimento de tão excelente obra de formação e educação da juventude.

Todos os actos da inauguração do 142 foram justamente apreciados pelo público, concorrendo para o brilhantismo desta festa a presença de grupos de escuteiros de Barcelos, Braga, e Espoende (S. Paio de Antas).

O carácter que imprimiram a todos as solenidades religiosas e de campo impressionaram favoravelmente a todos que tiveram a dita de a eles assistir.

Temos assistido a inúmeras cerimónias deste género, mas muito poucas calaram tão fundo no nosso espirito como esta que teve lugar no Monte Crasto, de Balugães. Decorridos que já vão 15 anos, os escutas de Balugães mantêm-se de pé a pesar de vários contratempus que lhe têm surgido, e mantêm-se porque se trata de uma boa obra ao serviço de Deus e da Pátria.

Os frutos colhidos de então para cá, estão à vista de todos. Somos dos poucos que poderão testemunhar o movimento desta unidade desde o seu início, pois desde 1949 que os acompanhamos

de perto, e com eles temos colaboração sempre que nos é possível.

Elementos, como, Didimo da Cunha Mesquita e seu irmão Avelino, os irmãos Cunhas (Delfim, Hilário, Bernardo, Vasco e Mário), António da Cunha Mesquita, António Nogueira, os irmãos Queirós (João, Domingos, Francisco e Avelino), os irmãos Silvas (António, Delfim e João), Domingos Veloso e tantos outros de que agora me não ocorrem os nomes, muito trabalharam pelo seu grupo, e são vivo exemplo do que podia naquele tempo a tenacidade e o bairrismo dos rapazes novos de Balugães.

Actualmente o grupo tem afrouxado um pouco as suas actividades. Mas oxalá que dentro em breve assistamos aos seus progressos.

«Água da Franqueira»

Segurança Social

A segurança social em Portugal, principiou a ser um facto real a partir de 1935, quando foi criada a Previdência Social com carácter de obrigatoriedade.

É certo que muitos anos antes se registaram várias tentativas para a criação de seguros sociais obrigatórios e reporta-se mesmo a 1919 o estabelecimento de seguros obrigatórios na doença, na invalidez, na velhice e sobrevivência e ainda a fundação do Instituto de Seguros Sociais Obrigatórios e de Previdência Geral. Todavia, os anos foram passando e daquele conjunto de diplomas não saiu qualquer realização válida, limitando-se o citado instituto a ocupar-se da fiscalização das escassas mutualidades anteriormente criadas e de poucas que graças à iniciativa particular foram surgindo.

O trabalhador português deveria esperar pela Previdência Social que, em 1935, concretizou a decisão, expressa dois anos antes no Estatuto do Trabalho Nacional, de criar uma organização destinada a defender o trabalhador contra acontecimentos que o prejudicassem na sua capacidade de ganho.

A razão da falência das primeiras tentativas de segurança

social obrigatória deve procurar-se principalmente no facto de o regime então instituído não ter qualquer base que permitisse a sua transplantação para a prática. Tratava-se de um esquema demasiado amplo para a época e sem uma estrutura assente em condições económicas de amplitude relacionada aos seus propósitos. Houve que aguardar, também, que a obra de saneamento financeiro e económico a partir de 1926 empreendida no nosso País desse os seus frutos, para se chegar à situação em que a Previdência Social hoje se encontra: mais de 1 milhão de pessoas beneficiando das suas regalias, numa rede de postos e delegações que facultam assistência médica, espalhada por todo o País.

Quer isto dizer, naturalmente, que qualquer sistema de segurança social só é válido quando apoiado numa estrutura financeira adequada. Foi por essa razão que a Previdência Social, durante muitos anos, teve que nortear os seus objectivos pelo imperativo de proceder a uma capitalização exigida pelos cálculos actuais e nesse mesmo motivo podemos encontrar a explicação para alguns atrasos no domínio das reformas sociais.

Hoje, que a Previdência Social é uma realidade em Portugal, podemos confiar que todas as reformas introduzidas, mesmo aquelas que não nos pareçam as mais adequadas são, concerteza, as melhores e mais adequadas à nossa vida, aos nossos hábitos e às nossas necessidades.

encontrar nas outras eco para a solução que adoptou.

No encaminhar para África antecedemos em muito qualquer dos outros povos mas se ao reduzido valor como direito de soberania decorrente do simples uso de postos africanos como pontos de passagem para outras terras não pudésemos juntar, aquilo a que chamamos presença de vários séculos pouco abonaria a nossa favor; mas é verdadeiramente com uma ocupação de imensas zonas litorais e com avanço pelo interior do sertão africano, que se inicia a nossa obra de colonização que data quase de há quatro séculos ainda que sempre limitada por idêntico trabalho no Brasil tudo à custa dum Portugal Metropolitano de pequena densidade demográfica que tomou sobre os ombros a responsabilidade de territórios que eram maiores que ele próprio mais de 115 vezes.

Para cada uma das outras nações com passado africano a Holanda, a Inglaterra, a França e a Bélgica, o continente negro foi visto sob prismas diferentes por cada uma e em conjunto muito diferenciado do português. A história diferente observada à luz de aspirações actuais também diversas logicamente determinou soluções distintas.

O continente africano foi abalado e sofre hoje o impulso, por uma profunda agitação, fatidicamente desde o fim da última guerra. Esta convulsão interna inevitável determinou que as nações com responsabilidades de soberania naquele continente tomassem um conjunto de medidas que se designa pelo termo genérico de descolonização.

Para a Inglaterra que sempre viu nos seus territórios ultramarinos fontes de enriquecimento económico alheando-se do seu desenvolvimento e praticando a «discriminação racial» ou para a Bélgica que pouco mais fez, a independência era a solução quando para manter aquelas fontes de rendimento fossem obrigadas a gastos pelo menos iguais ao que ao que de lá tiravam — não compensava.

Para a França que já actuou de forma ligeiramente diferente tendo prestado atenção à África, inclusive de ordem cultural (possui, por exemplo, belas páginas de literatura ultramarina) e que praticou a missigenação ainda que de forma hesitante, se se não tivessem imposto aspirações políticas que no momento eram incompatíveis com responsabilidades de soberania fora da Europa outra solução teria procurado, ainda que não fundamentalmente diferente da que tomou. Os Holandeses através dos «boers» introduziram em África a política do «Appartheid», muito discutível mas hoje irreversível ainda que impossível de atingir a pureza que pretendem.

Afinal, Portugal que apresenta a solução do convívio multirracial com um povoamento de raiz europeia mas definitivamente decidido a cons-

REVISTA «O Tempo e o Modo»

Vai ser publicado brevemente o número 16 da revista de pensamento e acção «O Tempo e o Modo», dedicado à Europa de entre as duas guerras mundiais de 1914-1918 e 1939-1945. Nele se versarão vários temas de modo a dar uma visão panorâmica e compreensiva dos problemas, das experiências e das ideias da época tratada.

Estudar-se-ão os seguintes temas em outros tantos artigos: «A Itália de Mussolini», «A Alemanha Nazi», «A Frente Popular Francesa», «O Isolacionismo Americano», «A Crise do Racionalismo», «O Impacto do Direito no Totalitarismo», «O Racismo», «O Trabalho e os Sindicatos», «A Igreja Católica» e «As Grandes Linhas da Arte»: Teatro, Pintura e Escultura, Cinema, Música e Literatura. E, a fechar incluir-se-á uma selecção de notícias de jornais portugueses aparecidas durante esse período.

No número colaboram: António Alçada Baptista, António-Pedro Vasconcelos, Egidio Namorado, Fernando Pernes, Francisco Salgado Zenha, João M. F. Alexandre, João Bénard da Costa, João de Freitas Branco, Jorge Almeida Fernandes, Jorge Sena, José Manuel Marreiros, Luís Francisco Rebelo, Luís Salgado Peres O. P., Manuel de Lucena, Rui Cardoso das Neves, Vasco Pulido Valente e Victor Wengorovius.

Arrenda-se

Arrenda-se a Quinta da Devesa, na freguesia da Silva, Mostra o Sr. António da Costa Brito, residente na mesma freguesia.

trair a vida no seu novo continente, em que a fusão de costumes e culturas fez surgir aquilo a que chamamos de luso-tropicalismo. A uma obra que não teme confronto com qualquer parcela da África negra, seja mais ao norte onde o racismo negro impera, seja ao sul onde o racismo branco é tido como solução humana, unicamente uma sombra obscurece: ainda que jamais o colonialismo económico tenha sido a nossa principal meta em África a influência de tal colonialismo praticado pelas restantes nações adicionado a erros nossos de administração ultramarina conduziram a que longe da exploração económica feita por outras nações europeias e hoje também pela América, de que justamente se pretendem libertar os povos africanos, se criassem no nosso ultramar estruturas tendo essa como única finalidade.

Se o Mercado Comum Português conseguir concretizar-se de forma a que como no Mercado Comum Europeu cada parcela tenha os mesmos direitos que as outras, sendo banidas as preferências de mercado e as coacções económicas de empresas metropolitanas sobre ultramarinas realizaremos um trabalho em África que não tem paralelo e que nenhuma outra nação se dispôs a realizar porque implica sacrifícios que acharam que a África não merece.

Teses diferentes se encontram hoje em confrontação em África veremos em futuro próximo qual a mais consentânea com as verdadeiras aspirações africanas.

P. Laicus

Café-Bar ARCO-ÍRIS

Visite este novo estabelecimento e prove o seu delicioso Café que o fará ser mais um cliente habitual.

ESMERADO SERVIÇO DE BAR

Café-Bar ARCO-ÍRIS

Avenida Combatentes da Grande Guerra (junto à Igreja de Santo António)

AM-63

Um insecticida SCHERING

CONTINUA A SER PREFERIDO POR MILHARES DE CONSUMIDORES, POIS É INCONTES-TÁVELMENTE O MELHOR CONTRA TODAS AS espécies de parasitas do homem e animais domésticos. (ESPECIALMENTE ESTUDADO CONTRA AS pulgas).

À venda em BARCELOS

na DROGARIA AVENIDA AV. COMB. DA GRANDE GUERRA, 66 — Telef 82430

DESCONTOS AOS REVENDADORES

Especialidades dos Estabelecimentos Arantes

Sonhos e Paralelos * Fitas de carpinteiro

CAFÉ ESPECIAL — PUDINS

Bacalhau Recheado

Vinhos Branco e Tinto

FIXE BEM ESTA MARCA

MAFA



TERRENO VENDE-SE

Em Arcoselo, próprio para construções, próximo do Bairro, no todo ou em parcelas.

Informa José Luís Ribeiro — Calçadas — Arcoselo.

FRIGORÍFICOS

NÃO COMPRE SEM CONSULTAR

ARMINDO SILVA

Av. Dr. Oliveira Salazar (Junto ao Senhor da Cruz) Telef. 82708 — BARCELOS

UMA CASA PARA O BEM SERVIR

